

Contribuições de Edward Palmer Thompson para a Construção de Conhecimento histórico

Contributions of Edward Palmer Thompson to the construction of historical knowledge

Cyntia Simioni França

 <https://orcid.org/0000-0002-1812-3696>

Universidade Estadual do Paraná

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar as contribuições do historiador inglês Edward Palmer Thompson para a produção do conhecimento histórico. Para tal, o artigo encontra-se organizado em alguns movimentos reflexivos: primeiramente, discuto alguns limites da ciência para a produção de conhecimento histórico. No segundo movimento, apresento a importância das contribuições do pensamento thompsonian para o pesquisador que busca por outros modos de construir conhecimento. No terceiro movimento, justifico a escolha de dialogar com a obra *Miséria da Teoria*, especialmente, com o capítulo Intervalo: a lógica histórica. Ainda no quarto movimento, procuro tecer alguns diálogos possíveis com as proposições de Thompson, a respeito da Lógica Histórica como um modo de produção de conhecimento histórico. Por fim, convido o leitor para que possamos nos enveredar por uma racionalidade que possibilite a construção de conhecimento que esteja articulado com experiências vividas dos sujeitos, tecida em relações dialógicas, que faça mais sentido para todos que participam dessa produção e sobretudo, comprometida com a transformação social.

Palavras-chave: Edward Palmer Thompson. Produção de Conhecimento. História.

Abstract: This article to present the contributions of the english historian Edward Palmer Thompson to the production of historical knowledge. The article is organized in some reflexive movements: in the first moment, I discuss the limits of science for the production of historical knowledge. In the second movement, I present the importance of the contributions of the thompson's reflexive for the researcher for the researcher to find other alternatives ways of building knowledge. In the third movement, I justify the choice of dialogue with the work "Miséria da Teoria", especially with the chapter Break: historical logic. Still in the fourth movement, I try to weave some possible dialogues with Thompson's propositions on Historical Logic as a mode of production of historical knowledge. Finally, I invite the reader to lead us to a rationality that allows the construction of knowledge that is articulated with the lived experiences of the subjects, woven in dialogic relationships, that make more sense for all who participate in this production and, above all, committed to the social transformation.

Keywords: Edward Palmer Thompson; Knowledge production; History.

Um convite a outros modos de produção de conhecimento histórico

[...] A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode mediar seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare

Os sabiás divinam.

(Manoel de Barros)



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

As palavras de Manuel de Barros são uma das possibilidades de pensar os limites das ciências humanas. Considero a questão da produção do conhecimento histórico como paradigmática, principalmente, no que se refere às reflexões contemporâneas relativas às vertentes positivistas, marxistas ortodoxos, idealistas, funcionalistas e estruturalistas.

O artigo propõe apresentar as contribuições do historiador inglês Edward Palmer Thompson para pensar possibilidades de produção do conhecimento histórico. O texto encontra-se organizado em alguns movimentos reflexivos: primeiramente, discuto os limites da ciência para a produção de conhecimento histórico. No segundo movimento, apresento a importância das contribuições do pensamento thompsonianiano para o pesquisador que busca outro modo de construir conhecimento. No terceiro movimento, justifico a escolha de dialogar com a obra *Miséria da Teoria*, especialmente, com o capítulo Intervalo: a lógica histórica. Ainda no quarto movimento, procuro tecer alguns diálogos com as proposições de Thompson, a respeito da Lógica Histórica como um modo de produção de conhecimento histórico. Por fim, convido o leitor para que possamos nos enveredar por uma racionalidade que possibilite a construção de conhecimento que esteja articulado com experiências vividas dos sujeitos, tecida em relações dialógicas, que faça mais sentido para todos que participam dessa produção e sobretudo, comprometida com a transformação social.

A problemática está centrada no questionamento de métodos e técnicas a serem “aplicados” no exercício historiográfico numa perspectiva cartesiana, durante o modo de produção de conhecimento histórico e, sobretudo, na atividade historiadora que parte de posições de cunho político, ético e estético que nos leva a compreender o mundo social, de modo diferente das ciências naturais e físicas.

A escolha por esse diálogo¹, não foi desprovida de intencionalidade, mas, especialmente, no intuito de movimentar ideias cristalizadas no campo acadêmico que se pautam ainda em comparar as ciências humanas, no mesmo *status quo* das ciências exatas e biológicas. É possível medir os acontecimentos, eventos e fenômenos sociais, tal como nas ciências “duras”, ditas como naturais?

A partir do século XVIII e início do século XIX, as ciências humanas para garantir o seu *status* de cientificidade define suas leis e paradigmas científicos (KUHN, 1962; BURKE, 2003) consagrados nas ciências naturais e físicas. Tanto neutralidade como objetividade são alvo de desejos em direção a construção de um conhecimento positivo da realidade humana. Assim, os fatos sociais passam a ser vistos como coisas, objetos.

Nesse viés de pensamento, o homem torna-se objeto em uma investigação, passível de controle e intervenção do pesquisador. O sujeito do conhecimento é visto pelo pesquisador como objeto de dominação e poder. Esse é o pontapé inicial da separação entre sujeito e objeto na pesquisa histórica. Daí a dimensão objetiva e subjetiva são apartadas durante a construção do conhecimento histórico.

Mais do que isso, o ser humano e seus modos de pensar e agir são transformados em meros dados quantitativos e qualitativos sob o olhar do pesquisador. Dados suscetíveis à sistematização, classificação e regras que empobrecem as experiências humanas. Essa perspectiva reduz o conhecimento ao sujeito impessoal das ciências, preocupado, principalmente, em provar uma dada estrutura imutável ou a busca da “verdade” absoluta (BENJAMIN, 1987).

Assim, o conhecimento está meramente a serviço da ação do pesquisador que muitas

1 O texto é fruto de uma roda de conversa proferida na Unicamp em 2015, com ampliação do texto para esse artigo.

vezes, controla e manipula dados. Quando desconsideramos as singularidades dos sujeitos da pesquisa no ato de produção de conhecimento, em seu lugar se coloca o universalismo em estado tanto de “penúria e alienação, faz-se desaparecer a diferença qualitativa entre elas, o que arruína a própria concepção de indivíduo. Sua autonomia se estilhaça, e as pessoas submetidas à confirmação social e desprovidas de sua ipseidade transformam-se em seres sem sonho e sem história” (MATOS, 1989, p. 20).

O estudioso Jürgen Habermas, em seu livro “Conhecimento e Interesse”, publicado em 1968, desenvolve os conceitos de conhecimento e interesse, denotando que no decorrer da história, a ciência assume o lugar da filosofia para a compreensão dos fenômenos e/ou eventos sociais. Nesse processo, o agir instrumental e o interesse cognitivo técnico transformam-se em parâmetros para a aplicabilidade da ciência. Porém, o conhecimento “não deve conectar a uma redução naturalista de determinações transcendentais a dados empíricos”, longe disso, deve evitar que o reducionismo venha ser algo decisivo”, não podendo se constituir baseando-se nas leis das ciências biológicas (HABERMAS, 1968, p. 217).

O filósofo Walter Benjamin em seu texto Teoria do Progresso e do Conhecimento (2007), possibilita compreendermos que o conhecimento não é simplesmente racional e desconectado da vida enquanto tal. Ao contrário da acepção racional instrumental², a produção de conhecimento histórico é um mergulho nas experiências dos sujeitos, situados no tempo e no espaço. É uma produção com os sujeitos em movimento dinâmico, tenso, contraditório e imprevisível. As vozes dos sujeitos são amplificadas e não reduzidas a juízos de valores ou interesses do pesquisador. Sujeito e objeto não estão distantes, não há uma relação de neutralidade durante o processo de produção de conhecimento histórico, mas um entrecruzamento entre subjetividades e objetividades. Os referenciais teórico-metodológicos do pesquisador se conectam com a vida (BENJAMIN, 1985; 1987).

Dentro da própria historiografia, desde os anos 1920, Marc Bloch e Lucien Febvre, da Escola dos Annales já criticavam o “positivismo” da história metódica do século XIX e os modos de análises teórico-metodológicos de produção de conhecimento histórico. Mais tarde, a Nova Esquerda Inglesa (1956) formada por historiadores como Eric Hobsbawm, Raymond Williams, Christopher Hill e Edward Palmer Thompson passaram a tecer várias críticas acerca do modo de produção do conhecimento histórico pautado na ideia de objetividade, neutralidade e racionalidade.

É evidente a complexidade da construção do conhecimento “científico” no campo historiográfico, mas não se restringe a simplesmente o pesquisador deparar-se com as questões dicotômicas como objetividade/subjetividade; sujeito/objeto; regulação/mudança; ordem/desordem; razão/experiência; teoria/prática; totalidade/singularidade; quantitativo/qualitativo.

Mais do que isso, refletir se ao considerar os fenômenos humanos como “coisas” não se corre o risco de abandonar o que pertence à ordem das significações, das finalidades e dos valores? Mas, ao contrário dessa posição, ao deixar de lado a exterioridade não limita o estudo do homem ao campo do subjetivismo e à introspecção? Existem outros modos de construir conhecimento que não se pautam nas tendências dominantes na contemporaneidade? Ao contrário das seduções da neutralidade e cientificidade, como ponderar a tensão entre subjetividade e objetividade? Até quando excluiríamos as experiências dos sujeitos das pesquisas acadêmicas, se ela nos bate à porta diariamente, anunciando as

2 Ao trilhar o campo da objetividade e neutralidade, a proposta de produção de conhecimento histórico na perspectiva da racionalidade instrumental, coloca os agentes entre parênteses, aplicando as fórmulas do método experimental das ditas ciências duras.

tragédias humanas, as guerras, a fome, o desemprego, a corrupção, a inflação, a pandemia, e nos convocando a fazer parte das nossas preocupações do presente? Então, é possível produzir conhecimento histórico articulado à vida, ou seja, um conhecimento que não se distancia das experiências humanas e sirva como orientação nesse tempo?

Por que o diálogo com as contribuições de Edward Palmer Thompson para a produção de conhecimento histórico?

Edward Palmer Thompson é um historiador comprometido com seu tempo, produziu significativas rupturas nos modos de produção de conhecimento histórico. Nasceu em 1924, na Inglaterra. Seus pais foram missionários educadores que viveram na Índia, assumiram como ideal a causa do nacionalismo desse país, criticaram severamente o imperialismo da Inglaterra. Thompson começou a estudar literatura na Universidade de Cambridge e depois passou a se dedicar a estudar História. Nesta época, filiou-se ao Partido Comunista britânico e interrompeu seus estudos para fazer parte do exército dos ingleses. Na década de 1940 lutou na África do Norte, na Áustria e na Itália. No fim da Segunda Guerra Mundial voltou a Cambridge, concluiu seus estudos em História e casou-se com a Doroty, uma amiga da área. Em 1947 esteve na Iugoslávia com um grupo de voluntários ingleses, para ajudar na construção da ferrovia, trabalho que trouxe o vigor de um socialismo que coloca a ética cooperativa no centro das discussões. Esta experiência singular é disseminada nas palavras de uma música cantada na época com seus colegas: “Nós construímos a ferrovia e a ferrovia nos construiu” (PALMER, 1981, p. 35-36).

Provavelmente sua militância política teve origem na família, especialmente pelo vínculo afetivo com o irmão Frank Thompson³, e ao cursar História em Cambridge aliada à sua filiação ao Partido Comunista. Mesmo com formação acadêmica, destaca que não tinha como prioridade dedicar-se a essa carreira, mesmo ministrando aulas, por vezes, na Universidade de Warwick, nem tinha a intenção de suas obras fossem lidas por intelectuais e universitários. Dedicou parte da sua vida a lecionar para adultos quando admitido pelo Departamento de Cursos de Extensão da Universidade de Leeds, “em um ramo universitário classificado como ‘extramuros’, ‘extracurricular’, porque dirigido a um público não acadêmico” (FORTES, 1998, p. 16). É importante ressaltar que os debates produzidos nesses cursos possibilitaram a escrita da obra “A formação da classe operária inglesa”, publicada pela primeira vez em 1963.

Em suas interlocuções ressaltava que não tinha a pretensão de se tornar um historiador, interessava-se mais nas discussões políticas. Ao se aproximar de Christopher Hill, Eric Hobsbawm e George Rudé, entre outros, membros que marcaram a historiografia inglesa, acredita-se que suas produções dialogaram com essa vertente de pensamento e amadureceram as suas ideias socialistas e a luta pela democracia.

Sua trajetória é marcada em 1956 pela dissidência do Partido Comunista, bem como o movimento Comunista Internacional, liderado pela União Soviética, pelo fato de discordar do totalitarismo disseminado pelas ideias de Stálin, fato que produziu muitas polêmicas, críticas, divergências teóricas com seus colegas intelectuais da época. Thompson afirmou suas posições políticas, declarando-se como um democrático e um comunista libertário – tendo colaborado com outros dissidentes na construção do movimento político conhecido como Nova Esquerda Inglesa e com John Saville fundou a revista a *New Reasoner*,

³ Frank “era a ponte entre as limitações liberais do pai e o potencial do comunismo). Foi capturado e morto na Bulgária, em 1944, o que causou muito sofrimento a Thompson segundo Bryan Palmer (apud FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo, 1998, p. 13).

posteriormente, chamada de *New Left Review* (ABELOVE, 1982; FORTES, 1998). Neste periódico foi possível adentrar discussões proíficas sobre política socialdemocrata e críticas ao estalinismo.

Na década de 1960, com enfraquecimento do movimento da Nova Esquerda Inglesa, impulsionou intelectuais de uma nova geração da esquerda britânica, construiu a Segunda Nova Esquerda e a revista *New Left Review* assumiu novos direcionamentos, trazendo outras leituras políticas, disseminada pelas ideias de Louis Althusser. Essa vertente teórica opunha-se ao pensamento thompsiniano que passou a produzir debates intensos com alguns intelectuais. Portanto, em “As peculiaridades dos ingleses como em “A Miséria da teoria”, Thompson, na primeira obra respondeu Perry Anderson e Tom Naim e, na segunda, apresentou críticas contundentes ao estruturalismo proposto por Louis Althusser.

Thompson morreu em 1993, mas suas obras ainda continuam a estimular os pesquisadores a refletirem sobre as preocupações políticas, a partir do presente. Seus trabalhos históricos possibilitaram esticar horizontes, instigar exercícios mentais que nos deslocam, chocam e desestabilizam, ao trazer o conhecimento histórico como provisório, incompleto no diálogo com as evidências histórica e tecido em uma relação dialógica entre sujeito e objeto. Nesse movimento reflexivo, Thompson estimula a construção de práticas de produção de conhecimento mais significativas para nossas vidas.

Como o autor trabalhou muito tempo alfabetizando jovens e adultos operários, enxergava com outros olhos o mundo da Universidade, acreditava que o ambiente universitário, muitas vezes, distanciava e/ou banalizava as relações sociais nas pesquisas históricas. Foi um intelectual que lutou arduamente por uma história que buscasse o fazer-se dos sujeitos históricos e para ele a experiência humana é a mais rica das possibilidades históricas. Daí o destaque para a sua ideia de que os homens fazem a sua história.

A trajetória singular de vida de Thompson, seja como professor de adultos, como militante do Partido Comunista Inglês ou membro do movimento antinuclear da Europa, ofereceu elementos importantes para pensar a realidade social, de modo menos rígido e estrutural. Para ele, os conhecimentos podem também ser produzidos longe dos arredores acadêmicos e com diferentes públicos.

Destaca-se em suas produções a compreensão das práticas socioculturais, ao invés de focar apenas em sua dimensão econômica, entende que as pessoas se constituem e são constituídos pelas experiências em diversas situações do cotidiano, e em seguida “tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] e em seguida [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981, p. 182), por isso, sugere agregar também nas análises, as questões culturais, ou seja, os modos de vida, as lutas cotidianas, os hábitos, os costumes, as crenças, a religião, a comida, a moradia, as vestimentas, as festas, o folclore, bem como seus modos de resistências, diante das imposições ou transformações sociais.

Defende que o historiador ao produzir conhecimento histórico deve analisar as experiências elaboradas culturalmente, incorporadas as tradições, as crenças, aos valores e outras formas institucionalizadas que podem se constituir em consciência de classe⁴

4 A classe trabalhadora se fez tanto quanto foi feita, significa dizer que ela não está pronta a priori. Nas palavras de Thompson, as formações de classe surgem exatamente no “cruzamento da determinação e da autoatividade: a classe operária “se fez a si mesma tanto quanto foi feita”. Não podemos colocar “classe” aqui e “consciência de classe” ali, como duas entidades separadas, uma vindo depois da outra, já que ambas devem ser consideradas conjuntamente – a experiência da determinação e o “tratamento” desta de maneiras conscientes. Nem podemos deduzir a classe de uma “seção” estática (já que é um vir-a-ser no tempo), nem como uma função de um modo de produção, já que as formações de classe e a consciência de classe (embora sujeitas a determinadas pressões) se desenvolvem num processo inacabado de relação - de luta com outras classes - no tempo” (THOMPSON, 1978,

(THOMPSON, 1966; 1981; 1998). Visto que a experiência manifesta “no ser social, mas não surge sem pensamento. Homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo” (THOMPSON, 1981, p. 16).

Nesse sentido, vale destacar que há uma relação entre a matéria e o pensamento, eles estão implicados, pressupondo relações tecidas dialogicamente entre o ser social e a consciência social. Complementa nessa linha de raciocínio que a partir das contradições econômicas e sociais e diferentes problemas, novas experiências e esperanças surgem, outros valores e ideais vem à tona, que expressam as respostas humanas tanto às eventuais mudanças quanto aos acontecimentos. Portanto, a vida dos homens é seu campo de investigação, seus valores, crenças, necessidades humanas e seus “modos de vida” também se manifestam e fazem parte do processo de formação da sua classe⁵.

Ou seja, as pesquisas históricas que se dedicam a (des)velar as complexidades dinâmicas, tensas e contraditórias da experiência vivida no movimento dinâmico da história é algo que lhe interessa. Entende que a experiência é uma categoria essencial para qualquer historiador, uma vez que considera a

resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento [...] [Mas] ela é válida e efetiva dentro de determinados limites [...] A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais e refletem sobre o que acontece a eles e a seu mundo (THOMPSON, 1978, p. 199-200).

Thompson percebe que além da experiência vivida, ela também é sentida pelos sujeitos, pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, na dimensão do pensamento e nos modos procedimentais, mas “como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas” (THOMPSON, 1981, p. 189).

Discorda o autor da ideia de que os valores, como expressões culturais, sejam impostos pelo Estado, através de seus aparelhos ideológicos. Ao contrário, os sujeitos se constituem historicamente, em suas experiências vividas, as quais são atravessadas pelos movimentos de tensão/distensão e pelas fronteiras da resistência, conflitos e contradições. Assim, as pessoas resistem às imposições, outras vezes incorporam elementos e recriam como modos de sobrevivência, muitas vezes, negam as ordens, adequando às suas necessidades. Portanto, acredita na capacidade criativa humana de resistir e (re) inventar as imposições estabelecidas.

Nessa perspectiva, dominação/resistência não são blocos monolíticos e pertencentes a polos opostos: tanto a dominação como a resistência se entrecruzam. Sendo assim, o campo cultural é plural, reinventado constantemente no cotidiano. Essa reflexão é apresentada no livro “A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros”, produzido em 1977 e traduzido em 1981 para o português e pode ser melhor flagrada através da análise do capítulo

p. 298), ou seja, a classe é construída enquanto os homens fazem a sua história.

⁵ Quando analisa a experiência de formação da classe operária, debruça-se a entender a experiência construída por grupos de profissionais, que articulam a identidade de interesses entre si, contra outros sujeitos que tem seus interesses diferentes, durante uma época de mudanças sociais – 1780 a 1832 –na Inglaterra, observando especialmente os padrões em suas relações sociais, as ideias, tradição, valores bem como as instituições. Portanto, ao compreender as classes como um processo em formação, um “fazer-se”, constituída e constituinte da luta, percebe-se a importância do conceito de experiência. No processo de formação social, a experiência humana assume a centralidade, pois ela nasce na vida material e posteriormente, estruturada em termos de classe.

“Intervalo: a Lógica Histórica”. Nesta obra, Thompson dialoga com o Materialismo Histórico-Dialético, ressignificando não como uma escola historiográfica, mas como uma pluralidade de vozes em conflitos e tensões, que argumentam, a partir de uma tradição comum. O seu desafio enquanto historiador foi trazer possibilidades de escrever a história vista de baixo, como a história de luta de classes, na contemporaneidade, fazendo emergir todos os sujeitos, sem perder a dimensão da sua proposta da lógica da história.

Thompson apresenta importantes subsídios teórico-metodológicos para questionarmos fissuras estruturalistas⁶ no pensamento de Louis Althusser e de Nico Poulantz como também aquelas visões arraigadas nos funcionalistas, principalmente, aqueles estudos de Talcott Parson baseando-se em defesa do materialismo histórico. Ou ainda, em sua busca da

reafirmação das relações dialogais entre sujeito e objeto no ato de produção de conhecimentos, nega visões de histórias estruturalistas, funcionalistas (as quais tendem a negar o polo objeto), de um lado, e historicistas e positivistas, de outro (que tendem a negar o polo sujeito). Tais leituras thompsinianas são, também, uma oportunidade para nos determos sobre o combate que realiza às concepções banalizadas ou ortodoxas do Materialismo Histórico-Dialético. Em especial, as economicistas, as mecanicistas, que acabam por compartimentaliza e hierarquizar o todo social (GALZERANI, 2013a, p. 134-135).

É um historiador que apresenta fortes críticas as pesquisas que se respaldam em teorias prontas e generalizadas ou ainda, aquelas que negam o papel ativo dos homens na história, transformando-os, em mero desdobramento das estruturas. Questiona, portanto, pesquisas cuja noção de processo e totalidade social estão vinculadas ao de estrutura e sistema, pois nestas relações não há sujeitos e diálogos, mas estruturas rígidas que impossibilitam a ação dos homens.

Defende a existência de uma “lógica histórica” na produção do conhecimento histórico. Mas como pensar em lógica para compreender as experiências humanas? É possível falar de lógica para as vidas humanas, escolhas individuais e histórias singulares no ato de produção de conhecimento?

A expressão “lógica” a priori não condiz com a proposta do autor, mas esta denominação não é apresentada na perspectiva cientificista, através de experiências que podem ser comprovadas. Pelo contrário, sugere pesquisas que não sejam somente quantificadas, nem generalizadas, mas pertinente aos seres humanos inteiros (carne e osso), embasada na concepção do materialismo histórico.

Por que a Lógica Histórica para tecer esse diálogo?

O capítulo a Lógica Histórica é fundamental para entender uma outra proposta de produção de conhecimento histórico tecida diferente da lógica analítica, capaz de questionar: a) as visões mecanicistas, evolucionistas e positivistas que hierarquizam os saberes; e b) a imagem de pesquisador como um anatomista que debruça diante da empiria para dissecá-la, tentando de alguma maneira fixar e explicar o sentido do mundo.

Essa reflexão foi fundamental para Thompson ao dialogar com outras áreas do conhecimento das Humanidade e buscou defender que a História enquanto disciplina possuir

⁶ Para aprofundar a compreensão da crítica de Thompson sobre a postura ortodoxa e oficial do marxismo (estruturalismo) e a postura radical e crítica do materialismo histórico sugiro a obra de Marcelo Badaró Mattos, intitulada E. P. Thompson e a Tradição de Crítica Ativa do Materialismo Histórico.

suas próprias análises e procedimentos teórico-metodológicos. Visto que nos idos anos 1960 e 1970, o campo disciplinar da História estava passando por vários questionamentos pela filosofia, antropologia e sociologia, com a emergência de pesquisadores estruturalistas e pós-estruturalista. Mas Thompson não está preocupado com instâncias verificadoras de conceitos históricos aplicados à realidade. Ele não se refere à produção de conhecimento como uma lógica de laboratório, que pode ser testada. Isso não é possível em sua concepção, pois as evidências históricas são incompletas e imperfeitas, cada sujeito fala do lugar em que ocupa na sociedade, ou seja, das suas experiências historicamente, situadas no tempo e no espaço.

Defende o autor que a “história real” não oferece condições para experimentos idênticos e repetíveis. Portanto, não há locais verificadores de conceitos aplicáveis à realidade humana. A história tem procedimentos específicos que lhes oferece seu próprio discurso, cujas credenciais estão no que o autor chama de “Lógica Histórica”.

A lógica histórica precisa estar em diálogo com as evidências históricas, cujos fenômenos sociais estão sempre em movimento. Mesmo em um único momento, é possível encontrar manifestações contraditórias que só podem ser entendidas nas suas particularidades e ambiguidades para os conceitos históricos serem percebidos, a partir das irregularidades. Porém, ao considerar as singularidades dos sujeitos, mesmo assim, é importante não perder de vista a macro-história.

A história mostra evidência de causas necessárias, mas jamais de causas ditas “suficientes”, visto que a lógica dos processos sócio-históricos é violada constantemente pelas contingências, de maneira a anular qualquer regra ou molde das ciências experimentais. A produção de conhecimento para Thompson assume o caráter de incompletude e distancia-se das acepções que entendem que produzir conhecimento é ir do senso comum ao conhecimento científico, ou seja, caminhar de algo inferior para o degrau superior, ao contrário, o seu modo de produzir entrecruza diferentes saberes. Saberes pessoais, coletivos, experienciais, científicos e por que não poético⁷?

Notamos que a lógica histórica thompsiniana, assume procedimentos diferente das ciências naturais, pois deve estar “adequada” aos fenômenos sempre em movimento, que ora se apresentam de uma maneira, ora de outra (ambivalentes e contraditórios).

Por isso, Thompson nos orienta que a lógica histórica deve sempre “adequar-se” ao material histórico. Portanto, as perguntas que o pesquisador faz para as evidências raramente são imutáveis, ao contrário, estão sempre em transição. Thompson buscou em Sartre a definição da história para entender esse debate. “A história não é ordem. É desordem: uma desordem racional. No momento mesmo em que mantém a ordem, isto é, a estrutura, a história já está a caminho de desfazê-la” (THOMPSON, 1981, p. 48). Assim, a história não é ordem, pois diz respeito aos seres humanos, que não são compreendidos estaticamente, mas puches de conflitos, resistências e contradições. Isso porque as ações humanas, dadas as suas irregularidades, não acatam as regras. Quanto à expressão desordem, o autor traz a imagem de que a história perturba qualquer procedimento de lógica analítica, pois, para as ciências experimentais, não deve haver sentidos múltiplos para um determinado fenômeno, ao contrário: deve haver um equilíbrio para não se perder o controle das “análises” das evidências.

Porém, quando trazemos as experiências dos sujeitos na relação com as experiências do pesquisador, não revisamos inúmeros acontecimentos, “mostrando um momento do tempo social transfixado numa única e eterna pose: pois cada um desses instantâneos não é apenas

7 A literatura e a poesia sempre foram suas fontes de estudos, desde a sua obra a Formação da Classe Operária Inglesa (1987).

um momento do ser, mas também um momento do vir a ser” (THOMPSON, 1981, p. 58).

Thompson dialoga sobre as possibilidades de produção do conhecimento histórico, a partir de uma lógica histórica. Mesmo que seja um método de investigação, contudo, deve estar longe de pensá-lo como uma camisa de força ou até mesmo um método dado a priori, mas está mais próximo de uma das maneiras de pensar sobre produção de conhecimento histórico pelo viés dialogal e tecido de modo interativo e plural.

Nas pegadas da lógica histórica e longe das propostas da historiografia econômica positivista, do determinismo da historiografia stalinista e da sociologia funcionalista, o autor delinea uma proposta de produção do conhecimento construída na relação com o outro, por meio do diálogo entre teoria e empiria. Ou seja, teoria e empiria estão imbricadas no processo de construção do conhecimento, através do método dialético do conhecimento.

A teoria não é teoria por si mesma, mas se apresenta na relação com os engajamentos empíricos. A teoria deve servir a vida, sobretudo, as relações humanas. Até quando continuaremos nos espaços universitários impondo teorias que banalizam as relações sociais? Permaneceremos deixando de dialogar com o sujeito em nossas produções acadêmicas, por conta das pressões da racionalidade instrumental, que mutila o pesquisador por diferentes lógicas, desde a econômica, política e social, reduzindo e vulgarizando as suas potencialidades?

Essas questões são instigantes se pensadas na relação com as proposições que Thompson apresenta acerca do modo de produção de conhecimento histórico que será discutido na próxima seção.

Proposições thompsinianas sobre os possíveis modos de produção de conhecimento histórico

Thompson defende oito proposições importantes sobre os modos de produção de conhecimento histórico na perspectiva do materialismo histórico⁸, pautado na lógica histórica.

A primeira proposição reforça o debate já comentado neste texto a respeito da dimensão do conhecimento histórico: compreensão de “fatos” ou “evidências” dotados de existência real (THOMPSON, 1981). Assim, evitamos que se faça qualquer afirmação antecipada, é necessário um diálogo entre o conceito e a evidência (fontes históricas), pressuposto teórico-metodológico para qualquer pesquisa histórica. O diálogo deve ser guiado por questões, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro.

Quanto à segunda proposição, Thompson (1981, p. 49) discute acerca do conhecimento histórico como algo “provisório e incompleto, seletivo, limitado” e definido pelos questionamentos “às evidências (e os conceitos que informam a essas perguntas)”, sendo legítimo dentro do campo da história. Isso significa que cada geração pode fazer novas perguntas às evidências históricas, levando em consideração suas curiosidades e inquietações pertinentes do seu próprio tempo. Além disso, podem surgir novos questionamentos que levam a pontos de vista diferentes ou até mesmo aspectos desconhecidos e a produzir “outros” sentidos, mas, nem por isso, o conhecimento histórico torna-se inverídico.

Thompson (1981, p. 50), na terceira proposição, afirma que a evidência histórica

tem determinadas propriedades. Embora lhe possam ser formuladas

8 “O materialismo histórico não difere de outras ordenações interpretativas das evidências históricas [...] por quaisquer premissas epistemológicas, mas por suas categorias, suas hipóteses características e procedimentos consequentes, e no reconhecido parentesco conceptual entre estas e os conceitos desenvolvidos pelos praticantes marxistas em outras disciplinas” (THOMPSON, 1981, p. 54).

quaisquer perguntas, apenas algumas serão adequadas. Embora qualquer teoria do processo histórico possa ser proposta, são falsas todas as teorias que não estejam em conformidade com as determinações da evidência. É isto que constitui o tribunal de recursos disciplinar. Nesse sentido, é certo (aqui podemos concordar com Popper) que, embora o conhecimento histórico deva ficar aquém da confirmação positiva (do tipo adequado à ciência experimental), o falso conhecimento histórico está, em geral, sujeito à desconfirmação.

A evidência histórica deve ser interrogada pelo historiador na sua irregularidade, bem como em suas contradições. Não olhar as evidências como prontas, portadoras de verdade, como dado pronto, mas na perspectiva da criticidade. O autor nos orienta que qualquer evento histórico é permeado por uma série de relações que, ao mesmo tempo, legitima, nega, ou inibe uma dada situação, e, nesse sentido, recusar as diferentes formas de interpretação de um mesmo acontecimento seria também negar o fazer-se dos homens no curso da história e nas suas experiências socioculturais que os formam. Daí as generalizações não tem sentido em uma pesquisa, primeiro porque não abrem brechas para enxergar os conflitos e as contradições sociais percebidas no diálogo durante a produção de conhecimento histórico, segundo, porque impossibilitam o pesquisador conhecer as experiências dos sujeitos em seus múltiplos sentidos.

O historiador ao buscar analisar as experiências coletivas dos trabalhadores em suas produções, apresenta uma diversidade de formas de organizações de associações e de articulação de vínculos. Debruça-se a compreender as singularidades, nos elementos particulares que o constitui na experiência desenvolvida pelos sujeitos, mas sem desconsiderar a noção mais ampla da sociedade. Significa dizer que, não podemos desvincular o contexto histórico em que as experiências são gestadas, para enxergarmos tanto seus limites como suas potencialidades, visto que estas são de caráter históricos.

O seu combate as generalizações nos modos de produção de conhecimento histórico, chama a atenção para o pesquisador atentar-se as diferentes experiências coletivas, diversidade local e regional, mas também modos de agir e situações específicas que se apresentam no interior das relações sociais.

Quanto à quarta proposição, o autor afirma que a relação entre

conhecimento histórico e seu objeto não pode ser compreendida em quaisquer termos que supunham ser um deles função (inferência de, revelação, abstração, atribuição ou ilustração) do outro. A interrogação e a resposta são mutuamente determinantes, e a relação só pode ser compreendida como um diálogo (THOMPSON, 1981, p. 50).

Considero essa proposição uma das mais relevantes para o pesquisador, pois a produção de conhecimento histórico na acepção thompsiniana é um diálogo entre o pesquisador (dotado de perguntas) e as evidências (fontes), possibilitando um processo de criação e envolvendo pessoas na sua inteireza, produtores de racionalidades e, também, de sensibilidades⁹.

Aproveito das considerações apresentadas por Thompson (1981, p. 50), na quinta

9 A palavra sensibilidades que será mencionada durante o texto está ligada com a educação das sensibilidades, uma das discussões do nosso grupo de pesquisa. Entendemos a educação das sensibilidades como um processo ampliado da noção de educação que atravessa as dimensões racionais e sensíveis dos seres humanos, construído coletivamente, permeado por tensões, contradições e resistências. Não é um movimento que traz blocos monolíticos, no sentido de anulação dos sujeitos, ao contrário, participamos de sua constituição e somos, ao mesmo tempo, constituídos por ela. Os autores que oferecem subsídios para reflexões são Peter Gay (1988), Edward Palmer Thompson (1981; 1988) e Walter Benjamin (1985; 2007).

proposição, quando destacou que o

objeto do conhecimento histórico é a história real, cujas evidências devem ser necessariamente incompletas e imperfeitas. Supor que um presente, por se transformar em passado, modifica com isto seu status ontológico, é compreender mal tanto o passado como o presente. A realidade palpável do nosso presente (transitório) não pode de maneira alguma ser modificada porque está, desde já, tornando-se o passado para a posterioridade.

É perceptível na quinta proposição que o conhecimento histórico produzido na relação entre sujeito e objeto não busca a “verdade histórica”, visto que cada pesquisador faz perguntas diferentes à evidência histórica, como mencionado anteriormente. Cada geração faz questionamentos de acordo com as preocupações do seu tempo, das suas visões de mundo e no diálogo com as evidências históricas. Portanto, o pesquisador não é neutro, muito menos o conhecimento histórico construído: ambos carregam sensibilidades e racionalidades.

Focalizo, na sexta proposição, que a investigação histórica é um

processo, como sucessão de acontecimentos ou desordem racional, e acarreta noções de causação, de contradição, de mediação e da organização sistemática da vida social, política, econômica e intelectual. Essas elaboradas noções pertencem à teoria histórica, são refinadas dentro dos processos dessa teoria, são pensadas dentro do pensamento. Mas não é verdade que a teoria pertença apenas à esfera da teoria. Toda noção surge de engajamentos empíricos e, por mais abstratos que sejam os procedimentos de sua auto interrogação, esta deve ser remetida a um compromisso com as propriedades determinadas da evidência, e defender seus argumentos ante juízos vigilantes no “tribunal de recursos” da história. Na medida em que uma tese (o conceito ou hipótese) é posta em relação com suas antíteses (determinação objetiva não teórica), disso resulta uma síntese (conhecimento histórico). Ou poderíamos chamar de dialética do conhecimento histórico (THOMPSON, 1981, p. 53-54).

Essa proposição, instiga pensar que o pesquisador deve se policiar em suas análises dialógicas para não cometer os mesmos vícios do pensamento racional instrumental, a partir de “juízos vigilantes no tribunal dos recursos”, ou seja, não rotular os sujeitos da pesquisa, ou, ainda, trazer visões carregadas de preconceitos. Trata-se de despir-se de qualquer ideia moralizadora, a fim de não cair nas artimanhas de sobrepor as concepções do pesquisador, em detrimento, de outras não desejadas, mas dialogar criticamente com as evidências históricas durante o processo de produção de conhecimento histórico. Por conta da racionalidade instrumental, também somos vítimas e sujeitos de reprodução e por isso, a necessidade de nos policiarmos diante dessas lentes dominadoras.

Nesse sentido, o pesquisador pode perpassar as camadas sensíveis dos indivíduos e não a regulação dos comportamentos, nem mesmo a anulação e a atuação dos sujeitos da pesquisa.

Ainda quando Thompson (1981, p. 53) fala, nessa sexta proposição, que a investigação histórica é um processo, presume-se que o pesquisador procura as “noções de contradição, mediação da vida social, política, econômica e intelectual”. Falar em contradição é perceber que o diálogo é permeado de conflitos, resistências e disputa de forças. É muito importante que o pesquisador não perca de vista as contradições no interior das realidades sociais e as ambivalências, possibilitando-nos perceber os conceitos de elasticidade e os de irregularidades.

Quando o autor trata nessa sexta proposição, à questão das noções (conceitos), essa posição é bastante crítica. A lógica histórica permite compreender a importância de dialogar

com as evidências e descobrir as possíveis leituras de outras experiências no tempo e no espaço, muitas vezes, histórias silenciadas pela historiografia oficial.

Não podemos esquecer também que a produção do conhecimento histórico para Thompson é um processo de ir e vir, um diálogo com as evidências históricas que ajudam na integridade do pesquisador, para que ele não caia nas armadilhas de uma teoria previamente determinada, em que aparta as racionalidades e sensibilidades.

Thompson, em sua sétima proposição, focaliza o materialismo histórico como um campo comum aos marxistas e destaca que as experiências humanas não podem ser conhecidas apenas do ponto de vista teórico. Não quer dizer que os

historiadores marxistas não tenham um débito em relação a certos conceitos para com uma teoria marxista geral que abarca marxistas que trabalham em outros campos, e se vale de suas constatações. Isto, evidentemente, é o que ocorre; nosso trabalho se processa num intercâmbio contínuo. Questiono a noção de que se trate de uma Teoria, que tenha uma Sede, independentemente dessas práticas: uma Sede textual autoconfirmadora, ou uma Sede na sabedoria de algum partido marxista, ou uma Sede numa prática teórica purificada (THOMPSON, 1981, p. 55).

A teoria é uma ferramenta exploratória do real: o lugar da teoria não é a própria teoria, mas a pesquisa dos fatos humanos reais, ou seja, as experiências humanas não podem ser compreendidas por meio de um “golpe de vista teórico”, como se a teoria pudesse devorar a realidade de uma só vez. Se permitir separar teoria da prática, cairemos no mesmo teatro dos estruturalistas.

Thompson apresenta uma crítica forte aos conceitos analíticos estáticos e a lógica inadequada à história realizada durante a produção de conhecimento histórico por alguns estudiosos estruturalistas. Considera que a história possui procedimentos próprios que lhes possibilita seu próprio discurso e que os sujeitos devem ser inseridos aos discursos, pois, atualmente, é comum as concepções racionais instrumentais mutilarem os sujeitos da pesquisa e o pesquisador por diferentes lógicas desde sua participação na economia, política e sociedade, minimizando suas potencialidades. Infelizmente, ainda encontramos muitos espaços universitários impondo teorias, e/ou sobrepondo as empirias, bem como vulgarizando as relações socioculturais. O que acaba por fim, esvaziando os múltiplos sentidos do conhecimento histórico.

Quantas dissertações de mestradados e teses de doutorado são engavetadas porque são abstratas, o texto não apresenta seus sujeitos da pesquisa de carne e osso, nem as vozes plurais e nem tão pouco dialoga com as experiências dos pesquisadores e com a dos sujeitos da pesquisa. Predomina em muitas produções acadêmicas na contemporaneidade um desenraizamento temporal e espacial tanto do pesquisador como dos sujeitos da pesquisa. Ainda para “garantir” a ideia de cientificidade, muitas pesquisas acadêmicas não acolhem as incompletudes, as incertezas, as irracionalidades, as subjetividades e as sensibilidades dos sujeitos da pesquisa e do pesquisador.

Thompson nos instiga a construir uma produção de conhecimento, a contrapelo das tendências hegemônicas na contemporaneidade, isso porque a sua experiência de vida é diferente dos intelectuais da sua época, pois durante tempo ministrou aulas para adultos trabalhadores e sindicalistas, por isso, defende a ideia de que o conhecimento é produzido também para espaços extraescolares e em outras linguagens que não se enquadram apenas na cientificidade, mas que traz muitos fios: linguagem polissêmica, narrativa, sensível e polifônica. Linguagens que não se traduzem a relatório fiéis ou textos compartimentalizados, fragmentados e sem sentido para o pesquisador, mas uma linguagem que assuma uma

dimensão política. Por isso, não emprega o conceito de ciência, pois esta não é neutra, mas carregada de um posicionamento político e a produção de conhecimento histórico não acontece apenas na Universidade, ao contrário: todos produzem conhecimento em qualquer espaço.

A historiadora Déa Fenelon (1995, p.87), em seu artigo “E. P. Thompson — história e Política” destacou que Thompson lutou por uma história do fazer-se dos sujeitos históricos em sua prática social. Assumiu também o compromisso de escrever a “história vista de baixo”, como sendo a história de luta e da opressão das classes, fazendo emergir todos os sujeitos na pesquisa histórica. Observando a “fronteira do desconhecido, interrogando os silêncios, sem absolutamente pensar em “coser conceitos novos em panos velhos, mas reordenando as categorias”.

Complementando com o pensamento de Edgar de Decca,

Thompson fez da teoria marxista um pensamento ativo e uma teoria que não fica única e exclusivamente no campo das abstrações. As categorias analíticas do marxismo, nas mãos de Thompson, transforma-se em categorias que nos permitem entender a maneira pela qual se constituem os modos de vida e a consciência dos grupos sociais que lutaram e resistiram ao capitalismo (DECCA, 1995, p. 112).

Portanto, Thompson contribui com uma produção de conhecimento histórico que estimula a (trans)formar tanto o sujeito quanto o objeto, valorizando as lutas sociais, não apenas entre classes antagônicas, mas no interior da mesma classe, trazendo as experiências humanas e acolhendo as vozes daqueles que foram “excluídos”, que não tiveram espaços na historiografia oficial.

Por fim, Thompson finaliza suas proposições sobre a lógica histórica, chamando a atenção para que, apesar de todo o debate teórico-metodológico, não existe um passo a passo sobre o modo de produção do conhecimento histórico, deixando claro que não há receitas prontas para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, mas que a lógica histórica pode estar implícita em cada embate empírico e explícita na maneira pela qual o pesquisador dialoga com as evidências históricas. A história, para esse historiador, não é uma fábrica para a manufatura da Grande Teoria, muito menos uma linha de montagem para a produção em escala de pequenas teorias. Também não é um grandioso centro experimental em que teorias de manufatura internacional possam ser “aplicadas, testadas e confirmadas, não há cirurgia que possa transplantar teorias estrangeiras, como órgãos inalterados, para outras lógicas estáticas, conceptuais ou vice-versa” (THOMPSON, 1981, p. 57). Onde está o grande problema de tudo isso? Quando os conceitos históricos são adotados por outras disciplinas que lhes impõem sua própria lógica e os tornam estáticos. Daí a sua frase que diz: “A história não conhece verbos regulares”.

Para continuidade desse diálogo

Aproximar das produções thompsiniana é nos relacionarmos com acepções de produção de conhecimento histórico que nos ajudam a conhecer quem somos, por que estamos aqui e quais as possibilidades humanas no tempo presente. Visto que a centralidade das investigações de Thompson é a história real em todas as suas manifestações. Por isso, combate pesquisas que apartam a realidade sócio-histórica fora do “objeto” real, impondo a sua adaptação à teoria e, portanto, naturalizando as relações sociais. Esse tipo de conhecimento perde seu sentido, e, mais do que isso, retira de si o compromisso com a vida e, sobretudo, com a transformação social.

Defende que a produção de conhecimento histórico deve levar em consideração as rupturas para pensar o conhecimento como construção e não como um fim a priori, determinado pelo pesquisador. Desvencilhar do caminho desenhado a priori, de modo linear, constituído por etapas. A ideia de linearidade pressupõe que o pesquisador deve seguir uma ordem estabelecida, em que cada elo se une com o seguinte, numa relação de causa e efeito. O modo de produzir conhecimento seguindo etapas lineares traz a ideia de natural e tira a possibilidade de articular a experiência vivida com diferentes pontos de vista. Nessa ótica, a experiência dos sujeitos é esvaziada das pesquisas

O convite de Thompson é a produção de um conhecimento que rompe com as verdades absolutas, com a perspectiva dogmática, mecanicista, estruturalista, funcionalista e apresenta um forte apelo para recuperarmos a experiência com o passado na relação com o presente, enxergando-o não como algo morto, mas como uma possibilidade de aprendizagem, de vida.

Thompson preocupa-se com sujeitos de carne e osso, com seres humanos inteiros, não separados de suas racionalidades e sensibilidades, ou seja, interessa por pessoas que não são vistas como “coisas”. Seus sujeitos históricos ao serem trazidos para as pesquisas acadêmicas, não são definidos por um lugar que ocupa na estrutura econômica da sociedade, mas são sujeitos ativos que sonham, resistem, reinventam, lutam e reconhecidos como produtores de conhecimento histórico. Em outras palavras, para o autor, a história se faz a partir de uma materialidade social e que os sujeitos, homens e mulheres, respondem a esta materialidade na qual estão inseridos. Não se trata, portanto, de um agir no vazio, mas, pautado pela materialidade histórica e social. Isto é importante, pois Thompson se dirige a um tipo de materialismo que desconsidera os sujeitos e a dinâmica da História, bem como que coloca a teoria a priori, sem preocupação com as evidências históricas que tem nos sujeitos e nas suas experiências, movimento, resistência e conformação.

Thompson distância da racionalidade instrumental e inaugura uma racionalidade alternativa aos modelos dominantes na contemporaneidade, no que diz respeito, aos modos de fazer “ciência”. Aproxima-se da racionalidade estética (MATTOS, 1989).

Aproximo dessa racionalidade delineada em Thompson porque ela é comprometida com uma produção de conhecimento: a) significativa para as pessoas, à medida que imbrica às experiências concretas dos sujeitos; b) dialógica porque é tecida na relação com o outro, de modo a incluir o diferente, o miúdo, o singular e o plural; c) com a abertura às ressignificações; d) capaz de questionar as visões e saberes hierarquizadores, prevalentes, muitas vezes, em nossas universidades; e) engendra relações dinâmicas entre as pessoas envolvidas no ato de produção de conhecimento, construindo, criativamente, amálgamas entre os conhecimentos experienciais, pessoais, coletivos e científicos (THOMPSON, 1981; GALZERANI, 2008; 2013b).

Fica o desafio de enveredarmos em uma produção de conhecimento histórico que não classifique os órgãos de um sabiá, mas que possamos deixar ressoar outros cantos em nossas pesquisas históricas.

Referências

ABELOVE, Henry. E. P. Thompson. “The Poverty of Theory”, *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*, vol. 21, n. 1, p. 132-142, 1982.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG/Imprensa Nacional do estado de São Paulo, 2007.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-232.

BURKE, Peter. *Uma História do Conhecimento de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

DECCA, Edgar Salvadori. E. P. Thompson: um personagem dissidente e libertário. *Revista Projeto de História*, n. 12, p. 109-118, 1995.

FENELON, Déa Ribeiro. E. P. Thompson: história e política. *Revista Projeto de História*, n. 12, p. 77-93, 1995.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio; FONTES, Paulo. Peculiaridades de E. P. Thompson. In: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). *E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Unicamp, 1998, vol. 2, p. 11-46.

GALZERANI, Maria Carolina. Escola e Conhecimento de História e Geografia. Uma disciplina acadêmica e a educação das sensibilidades. *Antíteses*, vol. 6, n. 12, p. 126-147, 2013a.

GALZERANI, Maria Carolina. Pesquisa em Ensino de história: Saberes e Poderes na Contemporaneidade. In: SILVA, Marcos (org.). *História: Que ensino é esse?* Campinas-SP: Papirus, 2013b, p. 235-252.

GAY, Peter. *A experiência burguesa*. Da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e Interesse*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968/1973.

KUHN, Tomas A. *Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1962/1997.

MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

PALMER, Bryan D. Learning to be left. In: *The making of E.P. Thompson: Marxism humanism and history*. Toronto: New Hogtown Press, 1981, p. 35-36.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum: Tudo sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. History from below. *The Times Literary Supplement*. April 7, 1966, p. 279-281.

THOMPSON, Edward Palmer. *Socialist Humanism*. New Reasoner, Summer, 1957.

THOMPSON, Edward Palmer. *The Poverty of Theory and Other Essays*. London: Merlin, 1978.

THOMPSON, Edward Palmer. *The Railway: and adventure in construction*. Londres: The British Yugoslav Association, 1948.

THOMPSON, Edward Palmer. *Visions of history, by Mahro*. The Radical Historians Organization. Nova York. Pantheon Books, 1976/1982.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Notas de autoria

Cyntia Simioni França é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), docente do Programa de Mestrado em História Pública e do PROFHISTÓRIA da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *campus* Campo Mourão. E-mail cyntia.franca@unespar.edu.br

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

FRANÇA, Cyntia Simioni. Contribuições de Edward Palmer Thompson para a Construção de Conhecimento histórico. *Sæculum – Revista de História*, v. 28, n. 49, p. 77-92, 2023.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 06/04/2023.

Modificações solicitadas em 02/05/2023.

Aprovado em 05/07/2023.